

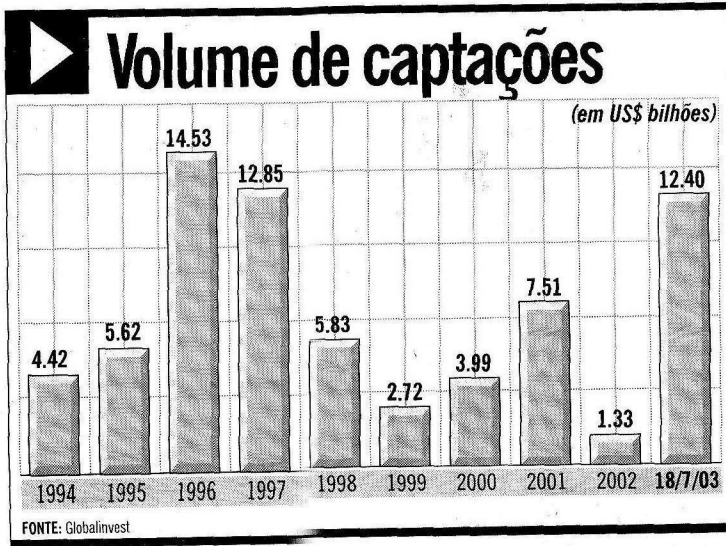
Empresas têm US\$ 6,27 bi a pagar

Dívida privada a vencer até dezembro pode pressionar a cotação do dólar

Patricia Eloy

• O segundo semestre deste ano será cheio de desafios para a moeda brasileira frente ao dólar. Depois de perder 18,28% de seu valor este ano (contra uma valorização de 53% em 2002), o real tem que driblar, até dezembro, US\$ 6,27 bilhões em vencimentos de dívidas privadas, de acordo com a consultoria Global Invest. O montante representa um fardo 46% maior do que o dos sete meses anteriores (US\$ 4,2 bilhões). Mas não é aí que mora o maior perigo.

— O que preocupa não é o tamanho da dívida, mas a capacidade de ela ser renovada ou não. Se houver dificuldades na aprovação das reformas ou uma queda no superávit da balança comercial, essa frágil tranquilidade pode ser posta à prova. A disposição externa em aceitar os papéis brasileiros pode diminuir e com um ven-



cimento tão grande, essa possibilidade representa um risco para a trajetória do câmbio — avalia Paulo Cintra, analista de mercado da consultoria.

Há, entretanto, outros dados preocupantes. Análise da Global Invest mostra que o prazo das captações priva-

das foi drasticamente reduzido nos últimos anos. Em 2003, a duração média das emissões externas é de 27 meses, quase o mesmo do ano passado (23 meses), quando o acesso ao mercado externo se fechou e as linhas de financiamento secaram.

Em 2001, esse prazo estava em 58 meses e em 1997, era de 83 meses.

— O prazo mais curto faz com que as empresas tenham que voltar logo ao mercado para tentar renovar esta dívida. Se o humor externo mudar, essa rolagem pode ficar comprometida — alerta.

Até 18 de julho, as captações feitas por empresas brasileiras no exterior somavam US\$ 12,4 bilhões — 67% a mais que a média de emissões dos últimos dez anos. As operações estão concentradas no setor bancário, que responde por 62,9% de todas as emissões.

— E os recursos são usados para ganhos próprios dos bancos. Só uma pequena parcela é utilizada para financiar a economia. Isso mostra que o atual quadro ainda é frágil e sujeito a mudanças que podem adiar um pouco mais o tão sonhado crescimento econômico. ■